

CAPÍTULO I

Antes de mais nada, bailes de máscaras é coisa que devia ser proibida. Chateiam toda a gente e a verdade é que no século xx já não estamos em idade de nos vestirmos de bandido siciliano ou para a grande ária da *Tosca*, só para ter o direito de entrar em casa de umas pessoas que têm uma filha com quem nos damos — porque esse é que era o problema. Estávamos a 29 de Junho e no dia seguinte a Gaya era apresentada à sociedade. Em Washington isso significa algo assim como uma estopada. E eu, amigo de infância da Gaya, do tipo irmão de leite... — estão a ver. Era rigorosamente obrigado a ir; nunca os pais me perdoariam se não fosse.

Mas então a Gaya não teria podido apresentar-se às pessoas como todas essas mesmas pessoas? E com um vestido de noite normal? E com os rapazes de *smoking*? Aos dezassete anos já não está em idade de enfiar todas aquelas velharias de teatro... Não tem sentido nenhum?

Continuava a fazer a barba diante do meu espelho de aumentar sem me dar ao trabalho de levantar mais problemas; chegavam-me aqueles, que já tinham conseguido enfurecer-me. Recordava a boca da Gaya, as mãos da Gaya, e o resto... — tudo mais do que exercitado para poder dispensar uma comédia daquelas.

Pronto. A minha fúria crescia cada vez mais. Pena era que o meu maninho Ritchie não estivesse por cá — por-

que lhe pediria que me medisse a tensão arterial. Os estudantes de Medicina ficam encantados quando lhes pedem coisas dessas. Exibem então maquinal niqueladas com ponteiros, mostradores, tubos, e contam-nos as batidas do coração ou medem-nos a capacidade respiratória, e nunca qualquer dessas chinesices serviu para coisa alguma. Mas já estava a desviar-me. Tornei a pensar na Gaya.

Ah, ela havia de gostar. Era de mulher que eu estava a mascarar-me. E todos os amiguinhos dela iriam andar à minha volta. Até o meu nome, Francis, calhava bem. Eles iam perceber Frances e estava pregada a partida. Durante todo o serão, a Gaya ia torcer a orelha sem deitar sangue, arrependida de ter dado um baile de máscaras. Como se, para ela, a melhor das máscaras não fosse uma florinha entre os dentes e a sua linda pele das costas, com dispensa de qualquer outra sofisticação.

Da minha janela de guilhotina aberta via um bocado da estátua de McClellan, no cruzamento da Connecticut Avenue com a Columbia. Abrindo-a mais um pouco, conseguia distinguir um canto da bandeira da Legação da Finlândia, entre a Wyoming Avenue e a California Street. Não muito distintamente. Faz doer os olhos. Toca a fechar a janela. Regressei ao espelho.

Minuciosamente barbeado, tinha a pele lisa como a de uma garota verdadeira; e com um nadinha de *fonds de teint* ficaria perfeito. A minha única preocupação era a voz. Ora..., com um copo debaixo do nariz nenhum daqueles idiotas iria reparar. O que mais me dava vontade de rir era a ideia de que o Bill ou o Bob me fossem convidar para dançar... Com os seios postiços da minha mãe e um bom *slip* bem apertadinho, não corria risco nenhum pelo lado dos sinais exteriores, mas não poderia deixar de estoirar a rir...

Quanto à vestimenta, tinha-me fartado de puxar pela cabeça. Um vestido dos felizes anos 90, rendas, corpete, saia, meias pretas com fantasia lateral... e botinas de pelica, meus meninos... Tinha tudo isto com a ajuda dos meus amigos que trabalhavam no teatro.

O melhor talvez seja apresentar-me. Francis Deacon, saído de Harvard (mas não propriamente a grande velocidade), munido de um paizinho particularmente rico e de uma mãezinha superdecorativa. Vinte e cinco anos — aparentando dezassete —, más companhias: pugilistas, bebedolas, desordeiros e senhoras bonitas de quem se gosta por dinheiro —, um excelente partido. Nada mau tipo, com um grande pó aos intelectuais. Mais ou menos desportivo. Desportos suaves: judo, luta livre, vela, um pouco de remo, esqui, etc. Aspecto de lingrinhas — setenta e cinco quilos e cinquenta e seis centímetros de cintura. A minha mãe tinha menos um que eu. Mas custava-lhe caro em massagens.

Sentei-me ao pé do espelho e peguei no objecto com que me preparava para me supliciar. Um grosso pau de cera especial que comprara no chinês da mãe e que ele afirmava usar regularmente para depilar as clientes.

Com um isqueiro numa das mãos e a cera na outra, fiz girar a roda e a chamazinha azul começou a lamber o translúcido cone truncado.

Derretia. Estendi a perna e, truca!, coleí a coisa aos pêlos «estendendo rapidamente», como dizia o papel.

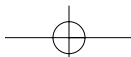
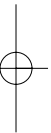
Cinco minutos depois, recuperada a razão, comecei a considerar que, realmente, se logo à primeira aquilo me custava um tocheiro de cristal e um espelho de dois metros por dois, o melhor era ir directamente ao chinês. Olhei para o relógio. Tinha tempo. Levantei o auscultador do telefone. Mandei para o diabo a avareza.

— Está? Wu Chang? Daqui Francis Deacon. O senhor tem um minuto livre?

Ele disse que sim, naturalmente.

— Eu vou já — disse eu. — Daqui a cinco segundos estou aí.

A verdade é que cinco segundos para um tipo a coxear é pouco — calculei dez.



CAPÍTULO II

Ao ver Wu Chang operar, fui forçado, com toda a objectividade, a admitir que o melhor era a gente entregar-se nas mãos de um especialista.

— Isto não vai deixar vestígios? — perguntei eu ao Wu Chang apontando para o local escarlate da minha primeira tentativa.

— De modo nenhum — disse-me Chang. — Todo o resto vai ficar assim vermelho daqui a cinco minutos e daqui a uma hora já terá passado.

Olhou para mim, mas não se podia saber que é que ele estava a pensar. Para isso é preciso conhecer os chinocas.

— Vou a um baile de máscaras — disse-lhe eu. — E tenho de usar meias.

— Vai já ficar pronto — disse ele.

Espalhava a cera, arrancava com um gesto vivo e exacto os pêlos cobertos de produto e tornava a colocar o pau em cima de uma pequena lamparina a gás — e as barrigas das minhas pernas iam-se parecendo com o lombo de uma ave chamuscada.

Em meia hora estava acabado. Agradei ao Wu Chang, paguei-lhe e saí. Aquilo fazia-me um pouco de comichão — mas nada por aí além. Sentia na algibeira a bola dura do boiãozinho de creme que ele me dera para eu untar as pernas. Tornei a subir a correr os dois andares e regresssei à minha *toilette*.